

Desativação do HBB superlotou o HRAN e gera protesto do diretor

«A situação é caótica. Estamos enfrentando uma demanda para a qual não estávamos preparados». Estes são os termos do relatório que o diretor do Hospital Regional da Asa Norte, Walter Ramos Salgado, enviou ontem ao secretário de Saúde, Laércio Valença, protestando contra a superlotação do hospital, ocasionada pelo inicio da desativação do Hospital de Base.

Walter Ramos se confessou pressionado pelos médicos que atuam no hospital para que não receba mais pacientes do HBB. O corpo clínico do hospital está sobrecarregado, porque o HRAN recebeu os pacientes internados na emergência de pediatria e cirurgia plástica do HBB mas não recebeu médicos e paramédicos.

Em consequência, o Hospital foi obrigado a suspender as cirurgias plásticas que não tenham caráter de emergência. O HRAN dobrou o número de leitos de pacientes da cirurgia plástica e está com 40 leitos de pediatria de emergência.

O hospital possui, ao todo, 400 leitos, 300 à menos que o HBB. Waldir diz que todo hospital tem que funcionar com 80 por cento, no máximo de sua capacidade, para ter condições de atender à demanda diária. É a situação atual do hospital.

O diretor do HRAN recusa-se a receber os setores de emergência de ortopedia e ginecologia, desde que soube que a Fundação Hospitalar tenciona transferi-los para lá.

Waldir insiste que não tem equipamento e pessoal suficientes. «Especialidades que dependem de cirurgia não tenho condições de atender mais». O médico explicou que faltam centro cirúrgico, raio X e anestesia em con-

dições de dar segurança aos pacientes.

O hospital pode receber pacientes de clínica médica e cirurgia geral, explica Waldir, desde que forneçam pessoal suficiente. Também a Unidade de Terapia Intensiva pode ter sua capacidade aumentada de 6 para 12 leitos, desde que o número de funcionários também aumente.

Os pacientes já começam a sofrer as consequências da superlotação. Seis paraplegicos transferidos semana passada para o HRAN, do HBB, tiveram que aguardar no corredor, até que conseguissem quartos disponíveis para uma especialidade que não foi prevista para o hospital. A fila para marcação de consultas no ambulatório, ontem de manhã, circundava o hospital, segundo informações do próprio diretor.

Walter Salgado teme que tenha que conviver com esta situação por muito tempo, pois não acredita que as obras do Hospital de Base de Brasília comecem este ano, já que ainda não há verba. Por outro lado, o médico encarregado de realizar as mudanças de clínicas do HBB para os demais hospitais da cidade, Dr João da Cruz, ainda não terminou o relatório contendo os estudos para transferência. Apesar disso, o 3º e 4º andares da emergência do HBB foram desativados e seus pacientes transferidos.

O diretor ressalta que o HRAN não tem a mesma estrutura física que o HBB. Possui apenas um andar de emergência, enquanto o HBB possui quatro. O setor só atua com um clínico geral e um ortopedista, contra três de cada especialidade no outro.

Procurado, a partir das 17 horas em seu gabinete, o secretário de Saúde, Laércio Valença não foi encontrado.

Falta de verbas atrasa obras

Anunciadas há quase um mês, as reformas no Hospital de Base de Brasília ainda não foram iniciadas por falta de verbas. As obras, que serão realizadas pela Secretaria de Saúde e Secretaria de Viação e Obras — através da Novacap —, não têm prazo marcado para começar. O secretário de Saúde, Laércio Valença, diz que espera a liberação de verbas, pela Seplan, em trinta dias. E, enquanto isso não ocorre, o HBB continua padecendo de sérios problemas, que motivaram o GDF a reformá-lo.

Uma comissão presidida por João da Cruz Oliveira, ex-diretor executivo da Fundação Hospitalar do DF, está providenciando o remanejamento do pronto-socorro do HBB. Já o Depar-

tamento de Engenharia e Arquitetura da FHDF vem trabalhando no projeto que envolve a construção de uma Unidade de Terapia Intensiva no 4º andar do HBB, uma Unidade de Cuidados Intermediários no 3º, um grande Centro Cirúrgico no 2º e a redefinição de toda a área de atendimento, no Pronto-Socorro.

Porém, tudo continua até o momento no papel. O GDF ainda não conseguiu os 90 milhões de cruzados necessários para a realização das reformas e o único setor que foi transferido para os hospitais regionais das Asas Sul e Norte foi o da emergência da Pediatria. Esse remanejamento, no entanto, já estava previsto, antes mesmo do anúncio das reformas.